

# **A Mensagem Eterna dos Mestres**

H'Sui Ramacheng

Cosmos \_ Servir

1111  
**Prólogo**

Estas primeiras palavras são essenciais para que me compreendais. Embora escreva com vossas palavras e use os termos que já conheceis (pois já lestes mestres yogues), faço-vos lembrar que nós do Oriente não oferecemos provas, nem discutimos argumentos, nem citamos autoridades para confirmar o que ensinamos. Nosso ensinamento é directo. Deve haver identificação entre mim e vós, não como se aceita um guru, porém como que ambos estamos em busca da mesma experiência juntos.

Ao escrever esta mensagem, relembro convosco minha experimentação a caminho da Revolução Interior.

Afianço-vos que estou autorizado pelo Além para fazer esta explanação. Também vos afianço que vamos penetrar naqueles segredos que ficam no último degrau de todas as religiões, sociedades e fraternidades secretas ou iniciáticas, místicas ou filosóficas. Trata-se de segredos que os Grão-Mestres, Sumos- Pontífices, altos chefes ou Mestres não revelam aos seus seguidores porque muitas vezes eles próprios os guardam sem ainda terem entendido seu valor e significado..

Exactamente por possuírem tal profundidade e nós os apresentarmos ante vossos olhos como coisas simples, não vos iludais: cada segredo possui uma interpretação mais profunda se experimentado por vós e cada um deles sendo compreendido vai permitir nova compreensão do anterior. Eu vos afirmo que há sete interpretações para cada chave que vos ofereço; quem veja a segunda compreenderá que pode usar as sete.

Ofereço-vos o modo mais simples de dizer as coisas secretas. Entretanto, só os que realmente as podem ter é que as entenderão.

São Paulo, 7 de Fevereiro de 1973

H' Sui Ramacheng

## Os Sete Princípios Da Mística

Enumeremos a seguir o que consideramos as Sete Chaves do Além. Usamos vossos termos, embora em sânscrito possuam outro valor, para poder ser melhor entendido. São três grupos de princípios, a saber:

- 1º. Grupo - Vigilância, Intenção e Sentimento;
- 2º. Grupo – Auto-conhecimento, Intuição e Integração universal;
- 3º. Grupo - A Verdade.

Este último grupo resume, na Sétima Chave, todas as demais.

## 1 – Vigilância – Compreensão , Atenção

Já vos informei que estamos expondo os princípios secretos mais profundos que o homem pode atingir em sua presente vida. Eles dão resposta a vossas mais profundas dúvidas. Eles resolvem o conflito do mundo, o vosso conflito interior. Prestar atenção, eis o primeiro segredo. Se soubésseis compreender, talvez pudésseis ter aproveitado os últimos seis mil anos de experiência com sessenta mil guerras externas e já saberíeis como evitá-las. Atenção é o elemento essencial para compreender. Vigilância é o melhor termo que nos convém. Porém , se estiverdes atentos ao conflito que vai pelo mundo, a fome, a guerra, a doença, a competição, tudo formas e consequências de conflitos, vereis que se trata apenas da exteriorização de vosso próprio conflito interior. Tudo se resume no egoísmo. Egoísmo individual, vosso e meu, eis a base do conflito. A esse egoísmo dais muitos nomes: luta pela vida, competição, religião, ideologia, nacionalidade, etc.

Perguntareis: ‘Então quereis provar que eu sou responsável pela miséria, guerra, fome e conflitos do mundo?’

Eu vos respondo: exactamente isso é o que vos digo e só encontrareis vossa verdadeira paz quando atingirdes essa paz dentro de vós.

Simplifica-se a Chave da Atenção, portanto, ao mundo exclusivo da vossa realidade interior.

Mas, como podeis vigiar, como podeis compreender todos os vossos conflitos interiores?

Pensais em enfadonhos exercícios, em concentrações profundas, em meditações prolongadas... Pensais em esforço. Eis vosso engano. Compreender, estar atento, não se obtém com esforço. É no preciso instante em que deixais de fazer esforço que começais a compreender.

Observai vossas acções e vossos pensamentos (egoísmos, ambições, desejos, medos, etc.) sem procurar julgá-los, sem condenar, sem criticar, sem aprovar. Tomai apenas consciência do que está acontecendo. Sois egoísta? Agistes com ambição? Sentis medo? Por favor, não procureis transformar vossos actos e pensamentos no oposto, pois continuareis em conflito, em outra posição, talvez maior ainda.

A compreensão se obtém sem julgar, sem condenar, sem aprovar. É vigilância passiva e sem qualquer esforço.

Esta a primeira chave, o primeiro grande segredo – **Saber Vigiar, saber Estar Atento, Saber Compreender**. Isto é estar desperto.

Ao usá-la, o compartimento de vossos conflitos e, portanto, os do mundo todo, fica aberto e acessível a vossa observação.

Adiante vereis o grande valor desta chave para a transmutação, libertação e revolução interior.

## 2º - Vontade, Intenção

Dissemos que a Intenção era o segundo princípio que vos exporíamos. A Palavra que devemos usar é ‘vontade’. Tendes a primeira chave e sabeis estar atento, sabeis vigiar. Só vigiar não basta. Deveis ter a intenção de vigiar. Quando dizemos vontade, pensamos imediatamente em desejos, ambições, esforço para obter alguma coisa, razões e raciocínios para agir.

Porém, não será disso que vos falarei.

Vós estais procurando abrir as portas do secreto, do oculto, do além, da mística e já compreendestes que esse conhecimento está dentro de vós. Por que não o atingistes ainda? Eis que vos faço presente de uma das chaves que vos faltou – **a Intenção**. Esta intenção, esta vontade de abrir as portas do secreto, também não exige esforço. É uma intenção passiva e que se traduz pela exclusão. Se quereis, se tendes a intenção de compreender o oculto, deveis excluir tudo o mais. Deveis libertar vossa atenção de todos os conflitos, para que fique somente a intenção, o abandono ao Absoluto..

Achais difícil? Não o será, se, com um pouco de paciência, prosseguis comigo e recebeis as demais chaves. Cada uma isolada leva a becos sem saída. Vede à frente que a intenção é global. Vós quereis abrir todas as chaves. Essa a verdadeira intenção.

Cada chave vai adquirir nova profundidade quando conhecerdes a seguinte, após ter esclarecido ou confirmado a anterior. Nenhuma é menos importante que as demais. Todas funcionam sem esforço e todas são do vosso interior. Só vós as podeis usar.

Até este ponto, já sabeis que o começo da descoberta do oculto que está dentro de vós, começa com a Vigilância, mas trata-se de uma Vigilância com a Intenção global de alcançar a verdade que se esconde dentro de vós. É uma Intenção especialíssima, portanto.

### 3 – Sentimento

Vós já prestais atenção aos conflitos, às guerras, à vossa confusão interior e tendes a intenção de resolver definitivamente tais conflitos e confusões. Por esse motivo, mesmo que nada vos dissesse, já percebeis que esse estado de coisas não se deve a raciocínios e pensamentos que existem em demasia. Já estais de posse do segredo que todos conhecem: o que há de errado fica no mundo dos sentidos. O que falta é amor, no sentido de sentimento de que fazemos parte de uma mesma energia universal, estamos integrados, e irmanados e não isolados. Ainda mais, no sentido de fazer o bem sem esperar recompensa, no sentido de superação do egoísmo.

Isto é o evidente, o óbvio. E no entanto, direis que é impossível praticá-lo. Achais mais leve suportar conflito? Ou achais que esse amor deve partir dos outros e não de vós? Vós sois a parte mais importante do Vosso Universo. Vossos sentimentos se reflectem nos outros e voltam para vós. Se não iluminais, como quereis receber e reflexo? É regra desta vida que aquilo que fazeis aos outros vos retorne e em dobro.

**Sentir**, portanto, é um dos segredos de todas as religiões e místicas. A chave dos sentimentos também é, igual às demais, sentir sem esforço, sentir naturalmente, sentir como se fôsseis, e realmente sois, integrados na vida universal, no próximo, e até no que considerais vosso inimigo.

Se não sentis amor pelo próximo, sem a experiência deste sentimento, jamais haveis de sentir se o próximo tem amor por vós. Muitas vezes são os sentimentos dos outros para convosco melhores do que os vossos e, vossa experiência sendo falha, os interpretais mal. Jamais encontrareis o caminho dos segredos se não souberdes sentir.

Já tendes a vigilância para evitar este erro. Tendes a intenção de colaborar na solução dos conflitos e já sabeis que a acção é Amor.

Porém, como manifestá-lo?

Sabeis que o grande segredo é, em todas as chaves, a ausência de esforço. Aqui se trata em primeiro lugar de praticar o desapego, à medida que vigiais vossos actos, desejos, egoísmos, ireis libertando-vos das coisas que vos possuem enquanto pensais que as possuís e no entanto fazem falta ao vosso próximo. O desapego será a melhor e primeira manifestação do sentimento de amor ao próximo.

Tal chave é a libertadora da grande revolução interior e que vai mudar o mundo. Esta pode libertar-vos do peso das posses e riquezas, tornando-vos leves e felizes.

Não vos apresseis a julgar ou raciocinar. Deixai que a vossa consciência vá vigiando e compreendendo. Permite que vossos sentimentos se manifestem. Não façais endurecer vossos corações. Antes pelo contrário – fazei vossos sentimentos caminhar para a infância. A criança é o melhor e o mais completo exemplo de atenção sem esforço, intenção sincera e sentimento puro. E suas reacções também. Foram os condicionamentos, os egoísmos e ambições que encobriram vosso verdadeiro ‘Eu’.

#### 4 – Auto-conhecimento

Toda vossa ciência Ocidental tem optado pelo lado material terrestre, pelo invólucro das coisas, sem prestar atenção ao seu interior. Mesmo ao estudar o homem, primais pelo exame superficial do vosso corpo e não compreendeis que sois o centro de tudo, e em vosso interior se guardam os segredos do Infinito e do Absoluto.

O auto-conhecimento a que me refiro não é, portanto o conhecimento do vosso corpo e da matéria de que é feito, porém, o exame profundo do vosso ‘Eu’.

Com as três chaves anteriores – **Vigilância, Intenção e Sentimento** – podeis começar o vosso exame interior. O segredo está, como já vos disse, em não fazer esforço, em observar-se.

Lamentamos que nosso mundo oriental também se degrada aos poucos aceitando o azáfama exterior como a actividade mais importante. Porém, os profundos conhecedores de si mesmos jamais serão dominados. Essa aparente invasão e conquista se destinou, por ordem do Além, para abrir as portas dos Segredos ao Ocidente.

O auto-conhecimento através da auto-vigilância é um acto intencional que nos levará ao profundo sentimento de amor para connosco mesmos, primeiro passo para poder estender esse amor aos outros e ao infinito.

Pensais que seja difícil observar-se. Pensais em concentração. Objectareis que precisais de um Guru para orientar vossa meditação.

Vou mostrar-vos o quanto é fácil, usando um sistema que veio do oriente e cujo ‘roubo’ os Yogues vos perdoam pela utilidade que vos possa trazer – a psicanálise, o sofá do psiquiatra.

Tendes um problema, uma neurose, um recalque, ou outro desajustamento qualquer? Deitai-vos no divã. Soltai vossa taramela interior. Caminhai de facto em facto até que toqueis no facto que, jogado ao vosso mundo interior oculta, fora do vosso controle, recalcado e esquecido, causou-vos os malefícios de que vos queixais. Tão logo encontréis a causa e a aceitais, sem crítica, sem condenação e também sem aprovar, eis que o problema todo se esfuma como que por encanto. Isto os psiquiatras sabem fazer. Vós podeis fazer, sempre que tiverdes problemas, frustrações, conflitos, essa vigilância e eles sumirão. O psiquiatra, no entanto, não entende a causa de tal milagre. Explico-os: vosso ‘Eu’ é um conjunto de véus ou vestes que são vossos preconceitos, recalques, hábitos, costumes, condicionamentos, egoísmos, ambições ou desejos. Toda vez que conseguirdes identificar um desses véus, ele cai por terra e conseguireis ver mais para dentro de vós mesmos.

Com o psiquiatra chegareis apenas ao ponto em que permanecéis nos condicionamentos de vosso ambiente, ou seja, com os véus que todos vossos vizinhos também possuem. Se trabalhades por conta própria e examinardes um a um os véus dos desejos, ambições, condicionamentos, preconceitos, Sem Esforço, ireis jogando-os fora um a um até que estejais só Vós frente a Vós mesmos.

Pensais que esse facto seria aterrador?

Muitos no ocidente assim disseram e eu o tenho ouvido amiúde. Garanto-vos que isso se deve à falta de compreensão. Se compreendêsseis o objectivo do auto-conhecimento sem 'egolatria'; se percebêsseis esse auto-libertar-vos sem egoísmo, sem a busca do poder absoluto 'Eu'; se assim vos libertardes dos véus, atingireis em breve as três chaves que se seguem.

Enquanto seguirdes as ditas Sociedades Secretas em busca de perpetuação do vosso 'Eu', em busca do poder e da riqueza, enquanto a ceitardes as chaves secretas para o vosso benefício, faltar-vos-á um véu a eliminar, o véu do egoísmo. Com ele não chegareis à intuição, ao amor universal nem à Verdade.

Enquanto seguirdes as religiões em busca da salvação pessoal, egoísta, como passagem para o Além, tereis que nascer e renascer muitas vezes para poder libertar um dia do último véu o 'Eu' profundo que se anulará na Integração Universal.

Enquanto lerdes este livro em busca de solução externa, dada pelo guru, de nada vos há-de servir.

Lembraí-vos bem: o auto-conhecimento é sem esforço e só pode ser feito por vós mesmos. O auto-conhecimento liberta. Na medida em que vos conhecerdes, ficareis mais leves, pois livres dos véus.



## 5 – Intuição

Quando vossos véus forem caindo, quando vosso auto-conhecimento for caminhando decididamente, no rumo certo, vosso ‘Eu’, mais livre dos terríveis pesos dos egoísmos e dos condicionamentos, dos hábitos e dos preconceitos, vos acontecerá um fenómeno ainda estranho ao ocidental e que alguns já vislumbram, que é o conhecimento directo das coisas.

Abstractamente dizeis que conhecer é identificar-se com o objecto do conhecimento.

Como podeis alcançar essa identificação se estais envoltos em brumas? Com o auto-conhecimento saireis das brumas e talvez vos assuste a luz. Por isso vos dou mais esta chave como precaução. Pois começareis a ver as coisas todas do vosso mundo em vertigens de atingimento directo. Pensareis ter atingido poderes secretos e vos lançareis ao seu uso. Não vos iludais como tantos que palmilharam esse caminho. Caireis como eles no vazio do vosso próprio egoísmo. Acreditareis que eram demónios ou espíritos que iludiram e depois vos abandonaram?

Previno-vos que o fenómeno é natural – quem tinha dez véus sobre os olhos e tirou nove, vê melhor do que os que continuam com seis ou quatro.

No ocidente estudam este facto com nomes como telepatia, telecinese, premonição, vidência, profecia, em ciência com o nome de Parapsicologia. Falam em ‘dom’, ‘poderes’, etc.. Facilmente a literatura vende ‘terceira visão’, falsos profetas e mais frustrações.

Vós compreendereis que qualquer um pode chegar lá. Qualquer um que se desprenda dos véus atingirá em sucessivos graus e por tempos cada vez superiores o conhecimento directo ou intuição. E sempre será obtido esse estado sem esforço. Basta deixar que ele ocorra sem procurá-lo. Irá sua mente ao além, ao futuro, ao passado, ao oculto, ao distante, às outras mentes, às coisas. É o começo do verdadeiro. Conhecimento.

Na medida em que souberdes usar as chaves que já tendes, assim chegareis ao conhecimento directo. No auto-conhecimento vos libertais de tudo que vos oprime. Podeis assim usar a intuição. Porém, o fenómeno intuitivo chega bem antes de concluir a libertação e anulação do ‘Eu’. Esta chave deve ser bem usada, para concluir o auto-conhecimento pela identificação com as demais coisas, inclusos nelas todos vossos semelhantes.

Esta é a chave de ouro para aferir o vosso grau de libertação e permitir o uso da sexta chave. Só quando todos os véus caírem é que vereis as coisas com perfeição. Se vossa intuição avança e depois cai, perguntai a vós mesmos a causa. Tudo que vos sucede tem como causa algo dentro de vós mesmos: criastes ou recriastes mais um véu? É evidente que vos há-de perturbar.

## 6 – A Integração Universal

Estando vigilantes com a intenção de alcançar o verdadeiro amor, atingistes o auto-conhecimento e libertastes a intuição para completar-vos pela anulação do vosso ‘Eu’ em um acto de Amor Universal.

Neste último estado, cujo segredo continua sendo o mesmo (Sem Esforço), vós vos identificais com vossos semelhantes, com os objectos do conhecimento, com o Absoluto, num êxtase de Amor Universal.

Muitas vezes o yogue tem feito segredo deste estado, fazendo crer que só alguns privilegiados, à custa de esforços incríveis, cultivando posturas físicas e concentrações mentais inauditas, só alguns, podem atingir tal estado. Outros têm dito que tal estado só se alcança após a morte. O motivo é que houve proibição do Além. Quem soubesse, era ‘iniciado’ e devia guardar segredo, pois os demais não estavam para atingi-lo.

Essa proibição terminou.

Eu vos asseguro; nem é perigoso, nem se morre fisicamente para atingir o amor universal, o êxtase da integração.

Está chegado o tempo em que todos vós podereis alcançar esse estado. Está chegando o tempo em que será necessário que chegueis a ele para libertar vosso mundo dos eternos conflitos.

Já sabeis o caminho, pois tendes as cinco chaves para passar as portas que levam a esse estado. Ao atingir a intuição, aos poucos chegareis ao ponto em que podeis perceber o ‘longe’, o ‘passado’, o ‘futuro’, o Absoluto’, vossos semelhantes, como sendo vós mesmos, pois estais integrando-vos aos poucos num Eu Universal. Compreendereis por vós mesmos que o amor ao próximo é amor a vós mesmos.

E após o atingimento desse estado, podeis voltar ao vosso pequeno mundo, aos vossos afazeres, ao vosso dia-a-dia. Porém voltai integrados e dispostos à parte prática, pois em caso contrário, perdereis tudo que alcançastes, as chaves enferrujarão e retornareis passo a passo ao marco zero.

Sei que se de verdade chegareis a este ponto, não desejareis perder o terreno conquistado, pois atingindo uma só vez a Integração, já estais com o primeiro passo para a Transmutação que é a última chave.

Se já lestes os mestres yogues, talvez tenhais visto belas descrições literárias desse êxtase: cada um que o alcança, deseja que permaneça e por isso mesmo o perde e fica frustrado. Vós já estais esclarecidos para o fenómeno. O segredo é sempre alcançar os estados mentais espontaneamente, ou seja, sem esforço, começando sempre pela respiração profunda e pelo relaxamento total.

Vós atingireis o estado de união com todas as coisas, identificação com a Natureza, com o Absoluto. Mesmo por instantes, como na Intuição, não vos preocupeis ou esforceis em voltar a eles, não sejais egoístas, não volteis a cultivar os véus que já derrubastes.

Alcançando o ponto inicial, o Amor Universal, estais no dever de propagá-lo. Ao fazê-lo, eliminai de vossas intenções o desejo de reconhecimento e até mesmo a expectativa de que vossos conselhos sejam seguidos. Ensinai a Revolução Interior e deixai que cada um a alcance: o excesso de zelo também é egoísmo.

## 7 – A Transmutação

Eis-nos finalmente frente a frente com a última chave do Além.

Esta é a chave sem retorno.

Os iluminados se libertam. Podem alcançá-la em vida, como Buda. Porém, o normal de nosso mundo é alcançá-la com a morte quem já tenha chegado ao Amor Universal.

Direi que esta chave se chama ‘Verdade’. Vede bem – Verdade com letra maiúscula não uma verdade qualquer, minha verdade, tua verdade. É única e infinita. É absoluta. Faz parte da Integração Universal, embora a ultrapasse. Quem atingiu a Integração está pronto para ela.

O segredo é novamente ‘Sem Esforço’. Porém, para ela funcionar são necessárias as seis anteriores usadas com perfeição: há-de estar presente a vigilância completa, a intenção da transmutação, o amor até aos inimigos, o auto-conhecimento até a anulação do ‘Eu’. (Vede bem – até o desejo do céu terá que ser anulado), a intuição como forma de Integração e a Integração Universal sem restrições.

Aí se dará a Transmutação da pessoa em um ser iluminado e portanto liberto. Pouco importa daí por diante a vida ou a morte, o conhecimento, o mundo ou o corpo. Vós já tereis atingido a Verdade.

Repito mais uma vez: cada chave será usada sem esforço. Porém, somente vós as podeis usar. Nenhum mestre as abrirá por vós. Nenhum livro contém a Verdade enquanto vós não a experimentardes. Este é um livro e portanto sem qualquer sentido enquanto vós apenas o estais lendo ou lhe repetis os dizeres. De nada vos adiantará repetir mil vezes o que aqui fica dito. Sempre será uma verdade qualquer.

Nenhum sentido possuirão as palavras que eu vos disse, se não experimentardes por vós mesmos o seu significado.

Só atingireis a Revolução Interior por vossa vontade. Ninguém a atingirá por vós. E não necessitais perseguí-la. Tereis que querê-la e deixar que ela vos atinja. O segredo é sempre: ‘Sem Esforço’. Isto quer dizer que a Transmutação está dentro de vós e vós só tendes que permitir que ela ocorra, abrindo sucessivamente as portas do Além. As chaves estão em vossas mãos e vossas mãos vacilam.

Achareis mais fácil continuar nos conflitos?

Pensareis que basta imaginar a transmutação?

Pensais que basta a intenção?

Pensais que podeis escolher a chave que desejais e jogareis fora as demais?

Reconheceis que estas são as chaves, porém esperais que os outros as usem antes?

Achais nebulosa e distante a Verdade ou Transmutação?

Em conclusão, lembro-vos: a Verdade é o prémio ao Amor Universal; só quem lá chegar pode gozá-la e saber como é. O êxtase da sexta chave é tão pequeno em relação à Transmutação, quanto é pequena a duração da nossa vida em relação ao Infinito. Quando o sábio chega lá, dirá: Eu sou a Verdade. E ele é de facto a Verdade.

## A Revolução Interior

(Perguntas)

Nota – Após expor as chaves secretas do Além, recebi as perguntas dos leitores por intuição. Sofri convosco as dúvidas e por isso fiz a parte prática à frente em resposta a cada dúvida e pedi ao editor que faça um comentário que vos ajude e sei que o fará.

*1 – Pergunta: Falastes diversas vezes elogiando a yoga e depois dissestes que não são necessários os seus ensinamentos para alcançar as Sete Chaves. Perguntamos se tais conhecimentos deixam de ter valor com vosso ensinamento.*

- Meu ensinamento não veio substituir os que já existem. Veio preencher um vazio que eles apresentam.

O discípulo yoga que já passou pelo estudo do corpo, pela yoga do conhecimento e pela yoga do espírito, já terá percebido que esta nossa mensagem se dirige aos que no Ocidente procuram a plena realização de si mesmo. Também percebeu que, apesar de simples prelação, vai atingir somente aqueles que se encontram preparados para recebê-la. Por isso deixou de lado quase todos os conhecimentos que precedem nossa prelação e também ficou sem dizer algo sobre o Além. A este discípulo yogue explico que tais conhecimentos são realmente úteis e muito ganha com eles se já os adquiriu.

Aos que ainda desconhecem o conteúdo da yoga, peço que dediquem algum tempo a esse estudo, pois assim usarão melhor e mais rapidamente nossas Sete Chaves. Embora tenha dito e repita que não são essenciais as posturas e meditações orientais para atingir a transmutação ou revolução do espírito, é inegável que elas são eficientes para os seus fins. Não falarei delas nem mesmo nesta parte prática pois tendes à mão muitos mestres que podeis ler e todos expõem bem o assunto que, aliás, não é segredo.

Por exemplo, aconselho as posturas invertidas para o auto-conhecimento e a Intuição.

Se sois ou não sois yogue, de qualquer forma haveis de revisar o tema, antes ou depois de acompanhar a minha exposição, pois nada da yoga tradicional perdeu seu valor com estes ensinamentos.

*2 – Pergunta: Como conseguiremos a vigilância? Não seria o mesmo que “concentração” e “meditação”?*

Alguns mestres falam de concentração e outros de meditação. Alguns mandam dirigir a atenção a um objecto com exclusão dos demais, como treino para alcançar o domínio da mente. Agora que sabeis que são as Chaves Secretas, percebeis que isso seria mais um condicionamento, não é mesmo? Treino e hábito, portanto, um véu a mais ao redor do vosso já escurecido ‘Eu’. A vigilância é estado de atenção que se deve obter sem esforço. Praticai a respiração profunda seguida de relaxamento total.

Observai, sem crítica positiva ou negativa. Prestai atenção ao que sois e eis que estais vigilante sem esforço. Percebeis a confusão? Notais o fervilhar dos conflitos? Constatais o egoísmo? Percebei e ficai contente com isso pois basta a atenção, sem esforço.

A vigilância porém não é estática . Por si só não traz resultado algum.

Pela vigilância sabeis dos vossos conflitos e sabeis que o conflito geral é reflexo do que ocorre em vossa mente (e de todos vossos semelhantes). Tendes assim a Intenção de pôr fim aos conflitos? Se não quereis acabar com o conflito, conscientemente e sem esforço, por favor, não prossigais. Voltai ao começo. Vós deveis rever as Chaves que vos ofereço, sentir por experiência própria algo da yoga tradicional e voltar à vigilância e depois à percepção do vosso intento de resolver os conflitos.

Também a intenção não se bastará a si mesma.

Sentir esse intento de resolver os conflitos e a primeira parte do amor para consigo próprio e para com o próximo. Se sentis realmente que tendes ao lado todos os vossos semelhantes e quereis suprimir os conflitos entre vós, já estais de posse da Terceira Chave. Mas, não forceis vossos sentimentos. Será substituir um conflito por outro. Se julgais suficiente vigiar, ter intenções e sentir, nada pode forçar-vos à prática, à experimentação disto no mundo em que viveis. Insistimos: só vós o podeis fazer, ninguém o fará por vós.

Percebereis o quanto vos é penoso amar ao próximo, suprimir o egoísmo e como vos acostumastes ao conflito sob a capa de competição, posses , apegos, etc...

Um vigilância por este caminho vos levará ao auto-conhecimento. É o primeiro passo para amar a si mesmos. Sem isto, como amar ao próximo? Meditar, concentrar-se, sobre o que? Sobre os vossos véus, sobre os vossos conflitos? Vigilância é algo mais do que concentração ou meditação: é a chave para libertar-se. E sem esforço, enquanto ambas as coisas citadas em vossa pergunta demandam exactamente o esforço, a substituição de conflitos.

*3 – Pergunta: Como posso reconhecer-me capacitado a usar a Sexta Chave, ou atingir o estado de Amor Universal?*

Suponho que estais prontos pelo menos para compreender – Quarta Chave – Auto – Conhecimento. Se sabeis vigiar e tendes a intenção de resolver os conflitos, ides derrubar um a um os véus que envolvem vosso ‘Eu’. Já vos dei a chave: cada véu cai quando vós o identificais pela vigilância. O último a cair chama-se egoísmo e se oculta sob variados mantos e coloridas fantasias. Medo, ira, ambição, competição, ódio, recalques, nacionalismos, crença, condicionamentos, hábitos, etc., tudo será facilmente retirado dos pedestais em que os pusestes. Pelo auto-conhecimento, pela percepção interior, sem esforço, vos libertais dos véus impedem Ver.

Desde logo obtereis a Intuição e da Libertação do vosso ‘Eu’ alcançareis o conhecimento directo, Quinta Chave da Transmutação Interior. Não pensareis que se

trata de poderes especiais alcançados só por vós. Sabereis que todos vossos semelhantes podem chegar lá. Tendes que abrir a Sexta Chave para perder as que já conquistastes.

Do conhecimento directo, que é a identificação com os objectos conhecidos, atingireis a identificação com vossos semelhantes, chegareis ao Amor Universal. O primeiro acto de desapego que vos prove terdes chegado, mesmo que seja por um instante, a este estado, será por vós praticado conscientemente e sem esforço. Quando cada um de vós começar a desfazer-se de tudo que lhe seja supérfluo e desnecessário, depondo-o a favor de quem o necessite, começará a ruir o mundo dos conflitos exteriores, assim como ruíram os conflitos interiores com o auto-conhecimento em que podeis começar a propagar esta Revolução. Doareis aos amigos e até aos que julgais inimigos um exemplar destes Sete Segredos da Revolução Interior ou desejareis que fiquem somente vossos? Se fizerdes tal doação, observai bem o que se passará convosco: esperais agradecimentos? Desejais sinceramente que eles alcancem as Sete Chaves? Estais desafiando-os a realizar o que não quereis concluir? Esperais que eles comecem a exteriorizar antes que vós os resultados? As vossas respostas a tal espécie de perguntas são essenciais para concluir vossa auto-análise, pois se fordes propagar nossos Sete Segredos, fazei-o como eu: não espereis resposta, não queirais saber o que irão alcançar nem queirais ver o que farão; dai-lhos como o sol ilumina a Terra, a árvore dá a sombra e a fonte a sua água.

Só assim sabeis que chegastes e estais aptos a usar a Sexta Chave. Ide e voltaí quantas vezes o desejardes.

Até à Sexta Chave todos nós vamos e voltamos. Podemos conviver com nosso mundo e livrá-lo dos conflitos.

Sei que todos vós ficareis muito tempo com ela sem poder chegar à Sétima, pois custareis a perceber que ela não é um fim em si mesma, porém o Caminho para a Sétima, a Chave sem retorno.

O yogue, o Sábio que atinge o êxtase da União com o Absoluto, volta á consciência e continua a vida. Realiza o êxtase e retorna. Quando realiza a Verdade, não terá mais que retornar. Poderá viver ainda e ensinar a libertação, pregar a Revolução Interior, porém, jamais retornará desse estado, pois atingiu a Transmutação. Ninguém até hoje revelou o conteúdo dessa Verdade. Nós que já alcançamos a Sexta Chave, suspeitamos que seja a consciência da Integração no Absoluto. Buda nos falou de Anulação no Nirvana e de libertação de necessidade de renascer. Outros mestres suspeitam que seja um estado mental em que nos é dada a infinitude espaço-temporal mediante a anulação do espaço e do tempo, uma vez que no êxtase da União com o Absoluto já se mostra com tais características, porém coexistindo com um "eu" que ainda não se anulou, por isso volta.

*4 – Pergunta: Só os que sabem seguir o vosso sistema de Sete Chaves podem alcançar a Verdade?*

A vós que já chegastes ao Amor Universal ou Integração, só posso ensinar que a Verdade Total e Única será alcançada por vós Sem Esforço, no momento em que as outras seis chaves, ainda que vós não soubésseis que eram as Seis Chaves do Além. Em tal caso a passagem para a Sétima Chave coincide com a morte.



Pouco importam as palavras e conhecimentos teóricos. Vós alcançareis na prática a Verdade se estiverdes prontos para recebê-la.

Se continuais em vida e em busca da Verdade, quando o vosso ‘Eu’ se integra, vós sois as coisas, todas as coisas que vos rodeiam, vós sois também cada um e todos os vossos semelhantes, vós estais em toda parte e ao mesmo tempo em lugar algum. Estais em União com o Absoluto.

Se daí retornais, se o vosso ‘Eu’ retorna e continuais com algum véu, a Verdade continua oculta, não achastes a Sétima Chave.

Como todas as demais, a Verdade só se alcança sem esforço, também está dentro de vós e depende da libertação dos véus e da anulação do ‘Eu’.

Em resumo repetimos: não é necessário admitir o sistema que assim vos expus por necessidade de palavras e de método. Com qualquer nome que as pratiqueis, qualquer um de vós alcança a Verdade, pois só as abrireis se estiverdes prontos para abrí-las.

O meu sistema é estudo e só valerá para vós se o experimentardes, se o sentirdes, sem esforço.

*5 – Pergunta: Falais continuamente em ‘chaves’ e subentendemos que elas abrem ‘portas’. Poderíamos abrir a Sétima sem ter aberto as anteriores?*

Em primeiro lugar vos digo que o Absoluto, a Verdade, o céu, ou o que quiserdes significar com o Além, não possui portas e chaves. Trata-se de uma sistematização didáctica do processo, para expor na sequência os passos ou princípios que devem ser dados na direcção da Revolução Interior, para que vosso ‘Eu’ fique livre das brumas que o envolvem. Se é verdade que essa é a essência, também é verdade que podeis permanecer diversas vidas na conquista da primeira e depois, em alguns segundos de decisão, alcançar todas as demais, ou vice-versa. Também é verdade que podeis obtê-las sem saber o nome e nada vale o nome que lhes dermos se não as experimentardes vós mesmos, com qualquer designação e até sem nenhuma.

É portanto claro que não atingireis a Sétima sem ter passado pelas anteriores.

*6 – Pergunta: Aborreço-me lendo vossa exposição pois acho impossível passar da Segunda Chave. Que posso fazer?*

Não vos perturbeis se não conseguirdes desde logo conquistar as Sete Chaves na prática. Eu que vos falo, também não alcancei a Sétima.

Se alcançardes com eficiência a Segunda, ou seja, dominastes as duas primeiras, e tiverdes consciência da existência das demais, sois já um privilegiado, pois tendes os instrumentos para prosseguir no Caminho.

Se alcançardes a Quarta Chave, o Auto-Conhecimento e puderdes aquilatar o quanto desconheceis, sois um Sábio.

Se atingis a Quinta, sois um vidente e só estais com o risco de distrair-vos pelo Caminho.

Se chegais á Sexta Chave, sois um Santo.

Na Sétima sereis o Caminho, a Verdade, um Iluminado e não retornareis aos estados anteriores.

Portanto, se não podeis sentir ainda o amor a vós e ao próximo e começar a praticar o desapego, podeis continuar vigilante e perceber que ainda tendes muito caminho pela frente; podeis continuar a desejar a anulação dos conflitos, isto é ter a intenção, pois sem esforço conseguireis derrubar depois todos os véus que vos envolvem.

Não vos perturbeis, não pratiqueis esforço nem julgueis o conflito insolúvel. Já tendes os instrumentos. Segui firmemente o Caminho. Que mais podeis fazer?

*7 – Pergunta: Falais de Intuição e abordais a Parapsicologia. Achais inútil tal estudo?*

De modo algum é inútil qualquer estudo. O que vos disse é apenas um alerta contra a vertigem que pode produzir o conhecimento directo. Estudar e tentar compreender à vossa moda o fenómeno intuitivo não será inútil. Inútil mesmo é não prosseguir adiante. Inútil é o deter-se a observar detalhes sem importância, perdendo por isso a perspectiva do todo, fazendo desses pequenos pormenores um fim em si mesmo.

O estudo que fizerdes, vos aproximará cada vez mais do verdadeiro Caminho. Se usardes vossa intuição (conhecimento directo) para alcançar a identificação com vossos semelhantes e com o Absoluto e não para fins egoísticos, opressões, poder, ódio, ela vos trará imenso benefício. Mas, em não sendo assim usados, os poderes conseguidos só aumentarão o conflito. Relembro que isto ocorre ainda a alguns passos do começo do auto-conhecimento, antes da libertação e se consegue logo com o domínio do corpo obtido por exercícios e posturas yogas (as invertidas, notadamente).

Meu alerta é para a ilusão de poder que se obtém.

Não me refiro aqui a pequenos poderes de telepatia, causais visões e ocasionais fenómenos de vidência. Não falo de poderes já sabidos, já exibidos pelos iluminados, curando doentes, revivendo mortos, parando tempestades, que se encontram frente a nossas medidas de testemunho e de compreensão. Digo-vos que os poderes que se libertam chegam muito além do que podemos compreender e que tais poderes chegariam, por exemplo, ao ponto de poder apagar o Sol ou acender outro em qualquer ponto do Universo, criar outra Galáxia e povoá-la, estar ao mesmo tempo em bilhões de planetas existentes, penetrar directamente em planetas existentes na galáxias de uma partícula infinitesimal de um eléctron e no instante seguinte retornar ao ponto em que

vos encontrais, bem como outros que hoje vos pareceriam sem qualquer sentido, pois vosso orbe não se encontra em estado de poder saber de sua existência.

E a Parapsicologia nada mais é do que uma tentativa de penetrar nesse mundo sem qualquer objectivo ou orientação final. Os malefícios possíveis são evidentes. Porém, o Absoluto não vos deixaria alcançar a desintegração do átomo se vós próprios não possuísteis alguma coisa interior à prova de radiações...

Que as minhas explicações não interrompam, mas acelerem vossos conhecimentos, eis meu único objectivo.

*8 – Pergunta: Falais de ‘poderes’ incluindo a cura de doenças. Que nos dizeis de tais curas com poderes mentais? Que nos dizeis de benzeduras? Existem tais poderes?*

De facto vos digo que o auto-conhecimento liberta. O ‘Eu’ dos véus que o tolhem. Daí atinge a Intuição. Poderá usá-la em muitos sentidos. Curar doenças, para o verdadeiro Sábio yogue é o mesmo que ler um livro ou beber um copo d’água. Qualquer um que atinja a intuição pode fazer o mesmo. Aconselho, porém a que comece sempre com a orientação de alguém que já o faz. Não é precaução por causa do fenómeno em si, benéfico de qualquer forma (para curar os outros ou para si próprio), mas, porque a inexperiência equivalente à ignorância e isto vos faz inseguros. Podeis ficar com a doença que curastes...Esclareço mais: as doenças têm sempre seu fundamento no espírito e a cura que não conte com a mente e com o espírito do doente, jamais ocorrerá. Ao tentar curar uma doença, deveis estar seguros de que irregularidades ides corrigir e depois conseguir a colaboração do ‘Eu’ profundo do doente. Em ambos os aspectos, a distância não tolhe a visão nem a acção, embora a presença seja sempre preferível. Se atingistes a Intuição, nada vos atrapalhará a acção.

Quanto ao que chamais de benzedura, nada possuem de diferente do fenómeno já explicado, com a diferença de serem inócuas ou inofensivas quando inoperantes.

Evidentemente há charlatães em ambos os fenómenos, ludibriando os incautos, em busca de fins lucrativos. O que acontece aos que se valem de tais poderes para fins medíocres é mais grave do que os perigos que correm os que os procuram. Na melhor das hipóteses perderam seu precioso tempo, tão necessário para a conquista das chaves do Além e vão renascer e recomeçar tudo de novo. O que diferencia o sábio do aproveitador neste fenómeno são os fins lucrativos, a publicidade dos feitos, o mistério de que se cercam, pois se muitas vezes a cura ocorre é porque os poderes são verdadeiros. O sábio normalmente alcança os poderes e só os usa em caso de extrema necessidade, sem alarde e sem visar qualquer recompensa. Assim age, não para provar que é sábio. Porém porque reconhece que a doença é consequência dos problemas íntimos do doente, é provação, é aviso da natureza e suprimi-la não é cura completa; faz a cura e evita o alarde porque não deseja ser procurado de novo pois será perturbado em seu trabalho mais sublime; não quer recompensas pois estas seriam mais um fardo a carregar.

*9 – Pergunta: Que me dizeis das drogas, psicotrópicos, estimulantes químicos? Não seriam um caminho para libertar o ‘Eu dos véus? Não libertariam a Intuição?’*

Se vós observardes os que usam tais drogas, não precisareis da minha resposta. Não são um caminho e jamais as drogas conseguiram abrir qualquer Caminho para o Além. Nenhum campeão de corridas usaria muletas para ajudá-lo numa competição. Observai os resultados das ‘viagens’: Os optimistas encontram no seu subconsciente paisagens e ideias optimistas. Os hipocondríacos, maníacos, medrosos, visitam os abismos e terrores. Nenhum deles consegue liberar mais do que os próprios véus e condicionamentos profundos. O ‘Eu continua tolhido e vestido com as mesmas vestes que já tem, quer antes, durante e depois da ‘viagem’. Qual a conclusão? É simples: a viagem não passou de uma peça elaborada pelo subconsciente ou inconsciente, nosso cemitério, depósito de lixo, porão escuro de morcegos e arquivos recalçados, porém vivos e pululantes de nossa mente. O drogado não viajou... Viu-se ao espelho do seu inconsciente sem conseguir com isso tirar qualquer conclusão. Na melhor das hipóteses perdeu o tempo que podia usar bem melhor se soubesse estar vigilante, tivesse intenção de enfrentar seus conflitos mediante um pouco mais de amor; começaria a conhecer-se até o ponto de liberar sua intuição e partir para o êxtase de União com o Absoluto e talvez pudesse alcançar a Verdade.

Quanto ao poder que supondes terem as drogas para chegar à intuição, indico-vos como mais naturais e fáceis as posturas invertidas da yoga. Com elas, em poucos dias, se estiverdes vigilantes, alcançareis melhores efeitos, mais duradouros e sem qualquer depressão superveniente, pois os momentos intuitivos que conseguirdes são conscientes, repetíveis e inolvidáveis.

*10 – Pergunta: Dizeis e insistis que as chaves só se conseguem ‘Sem Esforço’. Não estareis querendo ocultar com essa expressão o impossível de tal conquista?*

Temo que não tenhais compreendido o que significa a expressão e reconheço que vós do Ocidente estais tão acostumados a viver em ‘tensão’ que já não sabeis viver por alguns momentos com ‘atenção’. Observai a natureza. Uma árvore está em pé sem esforço. O tigre dá o salto na medida em que pode, sem esforço. O rio escorre pelos fundos, para os pontos mais baixos, sem esforço. Uma criança brinca, aprende, observa as coisas livremente, num ritmo que nenhum tenso adulto será capaz de acompanhar, pois o faz sem esforço.

O que está dito desde o começo é que tereis que distender todos os vossos músculos e preocupações, excluí-los da vossa mente, relaxar por dentro e por fora e praticar os estados mentais por exclusão dos demais. Se achais mais fácil praticar a concentração mental, tentai vigiar, observar o conflito interior, conhecer-se a si mesmos com a concentração mental nesses objectivos. Em poucos dias vereis que vossos problemas fogem da observação, vosso inconsciente vos fica mais e mais endeusado como ‘autor da concentração mental’; mais brumoso e inacessível.

Voltareis neste caso e relereis o capítulo da vigilância e partireis para o auto-conhecimento concomitantemente, se simplesmente abandonardes as concentrações e vos puserdes a observar o que sois. Contentai-vos com perceber. Não julgueis, não condeneis, não justifiqueis o que vedes. Tomai conhecimento. Ficai despertos. Apenas

isto. Não é necessário conquistar coisa alguma se já a tendes dentro de vós. Só precisais libertá-la, deixá-la agir. Não pode ser impossível a conquista do que já tendes.

*11- Pergunta: Que me dizeis da religião? Devo ter religião?*

Se bem compreendo vossa pergunta, ela se origina da exposição que vos faço da sucessiva anulação do vosso ‘Eu’ até atingir a Integração Universal de que resulta o conhecimento final do Absoluto e da Verdade. Afirmei-vos e repito: tal só se dará quando tiverdes renunciado a todos os egoísmos incluindo a ambição da salvação ou perpetuação do ‘Eu’ no Além. Podeis estar seguros de que não será a ‘Verdade’ que vós quereis atingir – a imortalidade física ou mental com nome e tudo.

Digo-vos que deveis ter religião, que deveis abraçar uma religião, que deveis acolher todas as religiões e finalmente não ter nenhuma.

Explico-vos: tereis religião desde que compreendais que estais em busca do Absoluto ou da Verdade. Abraçais uma religião desde que tiverdes decidido seguir um Caminho para lá chegar, ainda que só vós estejais nesse Caminho. Acolhereis todas as religiões quando o amor ao próximo houver despertado em vós o suficiente para admitir que os Caminhos dos vossos semelhantes também levam à Verdade. Finalmente não tereis nenhuma quando o desapego chegar à anulação do ‘eu’ que tendes endeusado dentro de vós e deixareis lugar para que seja tomado pela Luz ou Verdade Absolutas, nas quais estareis para sempre integrados.

Sob qualquer outro aspecto a crença não passa de uma capa para o egoísmo encobrir e obscurecer a visão do ‘Eu’? Profundo.

Haveis de compreender que os selvagens de todo o passado humano vieram a religião com deuses vingativos e ‘selvagens’, para vós. Faziam disso o seu Caminho e isso era o máximo que podiam fazer, por isso os amareis por igual. Amanhã vossas actuais religiões, por mais perfeitas que hoje pareçam, serão julgadas semelhantemente pelos que virão, com suficiente perdão ao tremendo egoísmo que elas representam.

Só progredireis espiritualmente se fordes melhores do que ontem e amanhã melhores que hoje.

*12 – Pergunta: Falais em Revolução Interior e acenais que não há revolução vinda de fora. Como entendeis que ocorra o fim dos conflitos externos, então? Falais em extinção dos governos: sois anarquista?*

Parece-me que vós ainda estais muito revoltados contra o estado de conflitos externos sem havê-los entendido. Prestai atenção de novo aos factos e constatai que tudo que vedes em conflito é a tradução dos conflitos internos: o egoísmo chama-se ‘competição’, ‘crença’, ‘nacionalidade’, ‘partido’, ‘dogma’. Etc.; os condicionamentos e preconceitos são o mesmo quadro que vedes dentro de vós. E ao analisar o conflito externo, vosso ‘Eu’ vos prega a eterna peça de desviar de si a vossa vigilância.

Por isso entrais de corpo e alma no conflito externo, sem perceber que não tendes conflito com ninguém por competição, nação, religião, partido ou qualquer outra suposta razão externa. Só possuis egoísmo. Se tiverdes vigilantes e não vos deixardes arrastar pela sucessão de substituições de conflitos, perceberéis que, se eliminardes pelo auto-conhecimento os vossos conflitos internos, no lugar da separação colocareis o amor universal. Ao passar para o desapego e preocupação da vossa descoberta, em qualquer grau que os praticardes, estareis dando andamento ao sentimento de amor ao próximo. Sabeis que os sentimentos (amor e ódio) se propagam, se reflectem nos outros e retornam a vós em dobro. Por que então insistis no pior e mais difícil? Por que persistis em disseminar discórdias, separações, ódios? Por que vos apegais tanto aos grilhões que vos prendem às coisas se delas em absoluto não necessitais? Tudo isso demanda esforço, luta, conflito. O oposto é simplesmente o ‘sem esforço’; o amor universal.

Percebe-se que vossa ‘preocupação’ deriva da eterna desconfiança de que os outros não retribuem. Alertamos que vós ainda não compreendestes o que significa amor ao próximo, o qual não há de exigir retribuição em tempo algum.

É evidente que a Revolução Interior levará à externa. Deriva daí que os estados e os governos, como os concebemos hoje, deixarão de existir. Não serão violentamente extintos. Deixarão de ser necessários. A lei será inútil porque a verdadeira moral da reciprocidade regerá nossos actos.

Sob certo aspecto, o sistema resultante será anárquico, não no sentido de ‘desordem’; mas no sentido ‘sem comando externo’.

Vamos esclarecer melhor: os governos e estados de hoje são super necessários. Temos que participar de suas actividades, pois são forma de atenuar conflitos.

Quando vós tomardes a iniciativa da revolução interior, começareis pelo desapego e desfazer-vos de tudo que seja supérfluo, em benefício dos que necessitam. Não pareis de produzir, consumir, circular, viver, enfim. Entretanto vós espalhais o novo conceito de libertação interior e os demais irão também fazer o mesmo. O período em que isso pode ser feito não conta. O que conta é que o conflito se extingue e a União daí resultante impede a acção dos que ainda estão em conflito, que terão que ceder.

Não é exactamente assim que sois presos nas malhas da actual organização de conflitos? Estais tolhidos por regras de egoísmo – propriedade, competição, jurisdição. Quereis suprimir as regras ou leis que regem tais egoísmos e não o podereis conseguir. Só será possível quando sejam suprimidos os egoísmos. Isto nenhum governo ou revolução forçada pode conseguir. Seria um conflito a mais a considerar, a chocar e a provocar reacções.

Eu vos estou convocando para realizar a verdadeira mutação. É a que vem de dentro de cada um.

Prendereis , pelo sistema de amor universal, todos os possíveis transgressores com malhas mais fortes do que hoje prende a lei ou qualquer estado ou governos absolutos. Não o tenteis, porém, por fora: a mudança de rotulo não tornará o veneno em

alimento, o lobo em cordeiro, o egoísta em altruísta. A química dos conflitos está dentro de vós e só vós tendes acesso a ela. Se o fizerdes, atingindo o autodomínio, o auto-conhecimento, a auto-libertação, pergunto-vos eu: sois um anarquista?

*13 – Pergunta\_ Não dissestes em parte alguma como seja o Além. Que podeis contar a respeito? Pregais a reencarnação?*

Falar-vos do Além é duas vezes supérfluo. E uma vez supérfluo porque tudo que vos diga do Além será mera suposição ou repetição de doutrina já velhas e os mestres e divulgadores de todas as místicas fazem suas coloridas descrições, bem como os vazios, ocios, encantadores de desesperados, sabem muito bem explorar a imaginação. E mais uma vez supérfluo falar-vos como seja o Além, porque não parei de falar dele desde a primeira até à última letra do livro.

Quando falais do Além, podeis estar tomando o termo pelo sentido materialista: que há além do nosso mundo perceptível? Mas, podeis também querer simplesmente perguntar o que há além da morte, para nosso espírito ou alma.

Se a pergunta tivesse o primeiro sentido, muito se poderia debater, pois será sucessivamente campo para estudos de física e eu vos asseguro que as descobertas não terão fim em tempo algum. Porém, se desenvolverdes a vossa Intuição, com muita facilidade penetrareis pelos mundos paralelos, superiores, etc.. É apenas penetrar pela Quinta Porta que vos aponteí.

Se a pergunta tem sentido de ‘além da morte’, não será fácil responder -vos pois muitos os estados de além morte, tantos quantos sejam os degraus que vosso espírito precise galgar até libertar-se de todos os véus. Vede bem como é a vossa vida: tendes conflitos, problemas, ambições, doenças, responsabilidades, hábitos, condicionamentos, um corpo que habitais e de que deveis tomar conta com o devido respeito e cuidado. Deveis amar-vos e conhecer-vos a vós próprios. Se a vossa morte ocorre como simples fuga aos conflitos que tendes, apenas vos libertais de um invólucro corporal e conservais uma série de conflitos. Dir-vos-ei que por piores que tenham sido vossas reacções nesta vida, após a morte sempre estareis aproveitando o aprendizado em algum grau. Se tiverdes tirado todo o proveito espiritual mediante a prática do amor universal (nossa Sexta Chave), é inevitável que alcançareis a Sétima ao morrer e vos libertareis definitivamente da fogueira ou ciclo de renascer para aprender. Se não tiverdes chegado lá, é inevitável que retornareis (aqui ou em outros mundos semelhantes). No mundo dos espíritos nós somos incorpóreos, mas conservamos nossa unidade de energia universal que é o centro de nosso ‘Eu’ e podemos voltar a qualquer ponto a que nos levem os nossos véus envolventes pela simpatia que nos representem, pois sentiremos necessidade de um corpo para satisfazer nossos desejos e ambições não satisfeitos em vidas anteriores. Só quando a lição for compreendida (aqui e lá existem espíritos mais avançados permanentemente em missão de ensino), só com a abertura da Sétima Porta é que penetraremos no verdadeiro Além.

*É deste Além, a Verdade, que falais?*

Pareceu-me que perguntastes somente do além da vossa presente vida, da vossa próxima morte, e por isso vos respondi como está atrás, pois perguntastes se eu prego a

reencarnação. Não desejo que venhais de novo a este mundo. E não vos apregoo coisa alguma. Quanto à vossa reencarnação, bem, como qualquer outro conceito que vos expus, encontra-se dentro de vós e não precisais de pregador. Deveis apenas experimentar por vós mesmos e esta eu vos garanto que experimentareis, se não abrires a Sétima Chave.

Porém, como o objectivo de minha exposição é falar-vos desta Sétima Porta, completo falando-vos do Último Além, o que deve estar além da Sétima Chave, o Além sem retorno e sem renascer. Como poderei falar-vos disto, se eu ainda não cheguei lá? É simples: já vos indiquei que quem a alcança é um iluminado e pode dizer: ‘Sou a Verdade, o Caminho e a Vida’. E houve muitos Sábios que o alcançaram e vieram falar-vos da Verdade e do Caminho. Foram eles que nos disseram do inefável estado de integração e visão infinita. Foram eles que me disseram que todos nós chegaremos lá, uma vez que só de nós depende alcançar a Verdade. Foram eles que nos disseram que encontraremos tudo isso dentro de nós. E foram eles que garantiram que esse prémio ( a Verdade) é dado aos que se integram no Absoluto sem restrições. Temo chocar-vos se vos disser que corresponde à anulação total do ‘eu’ que tendes dentro de vós, à perda total de qualquer identidade para adquirir a identidade com o Absoluto, à desistência de todo e qualquer apego ou ambição, incluindo a própria ambição de saber como é o Além.

O estado que se adquire, porém, é tão seguro, sereno, confiante, que ousa afirmar-vos: não tereis qualquer medo ou arrependimento de tê-lo procurado. Se tendes dúvidas, olhai o exemplo dos que reconheceis como iluminados.

Temeis o inferno? Ainda acreditais que exista um Diabo (anjo condenado por Deus) e dono dos abismos a onde cairiam os maus?

Pois bem, para qualquer iluminado, o Inferno fica exactamente no ciclo de renascer e lutar para libertar-se. E o diabo é apenas o vosso próprio inconsciente a vos torturar e precipitar em abismos sem fim, dos quais podeis sair quando realmente o quiserdes. Afianço-vos mais: ninguém, ao morrer, recebe ‘castigos’ pelo que fez, pois veio para aprender ou cumprir uma missão. Só terá avaliação do que fez e de qualquer forma melhorará. Não fiquéis lamentando vosso actual estado, nem vos apavoreis com o que os outros estão passando. Se vos amais e amais ao próximo, todas as vossas atitudes vos libertarão e ensinarão algo. Podeis estar como estais, para aprender. Podeis encontrar horrores só para provar vosso ânimo.

Alguém vos diz que estais nesta vida pagando o que fizestes na outra. Esse mentiroso vos disse só a metade da verdade. Pois vós sois o que pensais ou pensastes, incluindo as vidas anteriores. Aceitar o que não gostais, como se fosse castigo merecido (por erros que desconheceis) ou revoltar-vos com o que vos acontece, são duas atitudes erradas. Só vos libertareis de conflitos pelo auto-conhecimento e a oportunidade que vos surge com o sofrimento é mais valiosa do que a das alegrias. Em ambos os casos perdereis a lição por atitudes negativas.

Que mais vos posso dizer?



Simplemente vos direi que num tempo sem tempo, vós e eu, o Absoluto e tudo na Natureza, trilhando o Caminho, nos encontraremos num ponto sem dimensões, para verificar encantados que Somos Um Só.

*14 – Pergunta: Dissestes que nos mostraríeis o último segredo das místicas e das Sociedades Secretas. Se tal fizestes, elas desaparecerão? Ou se transformarão?*

A pergunta possui dois aspectos: ‘eu vos mostrei os segredos das sociedades secretas?’ e ‘se assim fiz, que lhes pode acontecer?’

Quando lestes o prólogo percebestes que era essa a intenção de meu trabalho e agora que terminastes, pareceis insatisfeitos com a explanação. Parece-me que assim vos sucede porque ainda enxergais as sociedades religiosas, iniciáticas e secretas apenas pelo aspecto externo. De facto, pelo aspecto externo, é muito difícil admitir que elas possuam qualquer conteúdo íntimo... Deturpam-se e se apegaram a fins subalternos. Foi sua forma de sobreviver. É por isso que supondes que vai ocorrer o mesmo novamente: se transformarão?

Lamento decepcionar-vos. As actuais sociedades realmente secretas nem desaparecerão, nem se transformarão. As sociedades místicas e secretas continuarão como são enquanto quem nelas acredite. Haverá quem nelas acredite em duas hipóteses: se ignorarem os verdadeiros objectivos e métodos das mesmas ou se estes objectivos forem os mesmos que o indivíduo deseja alcançar.

O sentimento de respeito pelo que é secreto continuará sendo a melhor forma de prender os seguidores. Qualquer Sumo-Pontífice de Sociedade Iniciática que conheça nosso trabalho pode facilmente tomar uma das duas atitudes: aceita ou recusa nossas explicações. De ambas as formas consegue manter a sua autoridade. Se aceita, liberta-se de dar mais explicações e pode desafiar os discípulos a chegar ao final, pondo-se no meio como interprete. Se recusa, mais fácil ainda pode eximir-se de explicações: ‘os verdadeiros segredos lhes pertencem e só os revelará aos iniciados...’

Na verdade eu vos dei as mais profundas chaves de qualquer mística ou fraternidade e reconheço que isso não significa que vós, que as lestes, estejais de posse das mesmas. Saber que existem e quais são, é fácil de alcançar. Realizá-las, não.

Espero que vós que procurais e me encontrastes saibais seguir o Caminho, guardando o Segredo da melhor forma que pode ser guardado, ou seja, dando-o a conhecer ao maior número possível de pessoas.

Assim, a girar a Sétima Chave, me encontrareis e eu vos reconhecerei.

Enquanto não chegarmos lá, em qualquer grau que as useis estareis dando prosseguimento à única revolução real à única forma de eliminar todos os conflitos: de dentro para fora. Pelo Caminho já estareis realizando a Revolução Interior.

São Paulo, 21/Abril!1973

H’ sui Ramacheng

# Comentários

Mário Sanchez

## Os Mestres Yogas e Ramacheng

Corria o oitavo século antes de Cristo. Já há mil anos que Abraão e Lot dividiram as terras da Palestina: ‘Não há lugar aqui nos montes para nós dois e todos nossos rebanhos. Um de nós irá para o deserto do Sul (Negeb). Tiremos a sorte e se eu tiver o Negeb tu terás os montes.’ Assim Lot acabou cultivando o deserto com seus semicírculos de pedras sobrepostas, entre as quais passava o vento, esfriando-as e deixando na madrugada o orvalho escorrer até irrigar as raízes das oliveiras, ‘extraíndo o azeite da pedra dura e o mel do orvalho da manhã’. Esses estranhos monumentos do saber já conheciam o aparelho de extrair água do mar. tinham vindo de Ur, na Mesopotâmia, cidade herdeira do reino de Mari, já uns mil anos antes construído por hindus no norte do Eufrates.

Pois bem, nesse século oitavo antes de Cristo, mil anos depois do episódio do azeite e do mel referido na Bíblia, Pantajali, na Índia, catalogava nos seus Yoga-Sutras o saber que temia perder-se, dos profundos segredos de três mil anos de estudos yogas.

Faltavam ainda trezentos anos para Buda, quinhentos para Sócrates, dois mil e setecentos para Einstein e, os ensinamentos que nos traz Ramacheng, já se temia que se perdessem, de tão antigos.

Quando falamos em mestres yogues, pensamos primeiramente nos divulgadores que escrevem no ocidente, depois nos que escrevem ou escreveram na Índia. Só por sugestão do próprio Ramacheng é que nos ocorreu que há outros mestres que nada escreveram: o verdadeiro sábio não faz exposições nem divulgações de seus poderes e conhecimentos .

Saltaram à nossa frente Buda, Sócrates, Cristo. Todos conhecidos só através de escritos de terceiros. Que vemos em Ramacheng? Vou provar nestes comentários que ele só nos deu a sistemática racional do ensinamento dos três e dos e práticas de Gandhi, Luther King e de todos os Mestres e Iluminados.

Já percebíamos que todas as verdades ensinadas por Ramacheng eram familiares demais! De onde te vem esta Luz, ó alma privilegiada? É clara demais e não permite ver! Eu já ouvi tudo isso antes em algum lugar! As palavras eram as mesmas! E não eram mestres yogues! Ou seriam os mestres yogues? Tudo isto, disse Ramacheng, nos vem, desde mais de cinco mil anos atrás, sendo ensinado e pregado. Ele só nos indica o mecanismo, a estrutura.

‘Meu mestre me mandou ao Ocidente trazer uma mensagem milenar.’ Faltavam ainda trezentos anos para Buda, quinhentos para Sócrates, dois mil e setecentos para Ramacheng e, os seus ensinamentos de hoje já se temia que se perdessem de tão antigos.

**BUDA,**  
O Iluminado

Estamos frente a estranha máquina. Estamos olhando para a tela onde coloridos personagens se deslocam. O visor focaliza o espaço e o tempo desejados e ajustados por minúsculos computadores que manipulamos. Até onde há-de chegar o engenho humano? Que falta ainda descobrir? Enquanto pensamos, ajustamos os dados do computador e comandamos à máquina – Tempo: quinto século antes de Cristo, Espaço: Encosta Sul do Himalaia.

As imagens giram fugazes, superpondo-se, até que vamos ajustando à encosta e a um mosteiro que vemos. Subindo pelas colinas vem vindo um mendigo. Fixamos nossa atenção naquele homem de feições finas e olhar penetrante. Traz nas vestes pobres o sinal do voto, no rosto vibrante dois sinais contrários: se por um lado aparenta provir de um mundo abastado e rico, por outro lado aparenta a tristeza de não encontrar o que procura.

Há longos anos partiu sozinho.

Na noite imensa da mente humana, na noite cálida dos palácios e do fausto, na noite do ócio e do tédio, um príncipe estava só. Partiu só. Pelos caminhos, pobre e maltrapilho, caminhou só.

Que te faltava em teus palácios? Que procuras por tantas estradas cheias de mendigos e de pó? Que procuras de mosteiro em mosteiro, entre yogues e falsos gurus? Que procuras que não encontras?

Buscas a paz, a tranquilidade? Buscas a luta, buscas mais conflitos? Buscas o mestre, buscas a fé? Buscas o abrigo, alimento, companhias?

Não! Este homem não busca nada que este mosteiro possa dar para matar a sua fome e a sua sede. Não há no mundo quem o possa compreender nem quem lhe possa responder. Já mil gurus antes desistiram e o mandaram seguir adiante. ‘nada mais tenho para te ensinar’.

Este homem procura a Verdade.

Seu nome até esta data é Çaquia-Muni.

Vai entrando para o mosteiro onde irá meditar. Suas perguntas ele mesmo terá que responder. Seus mestres lhe ensinaram a meditar: ‘Estai vigilante. Ama a tudo e a todos. Conhece teu interior. Concentra-te. Pratica as posturas perfeitas. Alimenta-te frugalmente e só de vegetais. Atingirás o Samadhi’.

Já muitas vezes experimentou o êxtase, mas, onde estava a Verdade? Estava mais além e o Caminho infinito parecia. Por que o homem sofre tantas amarguras, tantos tormentos, tantos conflitos? Por que há de nascer e renascer mais uma vez? Não poderia libertar-se desse círculo atroz?

A meditação prosseguia. A noite sucede ao dia e o dia sucede à noite. A monção seca, o vento leva e traz a monção de chuvas. Monção segue monção e meditação segue meditação: qual a causa de todas as nossas atribulações? A resposta deve vir de dentro. Çaquia-Muni olha para o abismo profundo de si mesmo e consegue responder: a causa de nossos conflitos é o desejo, a ambição, o egoísmo. Se anular-mos nossos desejos até o último, até o mais íntimo e profundo, só assim atingiremos a libertação. Só quando deixarmos diluir-se nosso último desejo é que ficaremos livres de nascer e renascer e atingiremos o estado de bem-aventurança, a integração no Nirvana.

Longas noites, longos dias, longas monções decorriam e o pensador estava só. Já disseram que um homem é um ser social e que só um deus ou um idiota conseguiram estar sós indefinidamente.

Longas noites e longos dias pareceram curtos pois os desejos foram aquietando-se na longa meditação e por fim sentiu que havia um último desejo: o seu ‘Eu’ queria ainda ter um nome. Ao aperceber-se, sem desejar, aboliu o nome, porém o ‘Eu’ profundo ainda queria viver após a morte, no Além. Novamente a profunda meditação o faz caminhar suavemente em direção ao abandono simples do eterno despertar pois já não ansiava nem mesmo buscar a Verdade. Havia conseguido, finalmente! Quando deixou de procurar, de ambicionar, de desejar a Verdade, esta lhe surgiu, suavemente, como que proveniente do mesmo lugar em que estivera o último véu – o ‘Eu’ profundo – que havia conseguido anular.

Por isto começou a ensinar e parou de perguntar.

Por isto chamaram-lhe ‘Iluminado’; isto é: Buda.

Sem alarde, sem presunção, sem egoísmo, Buda pôs-se a ensinar. Palmilhou novamente os mesmos caminhos. Encontrou novamente os mesmos mosteiros e os mesmos gurus. Mas tudo era diferente. Ele não trazia as mesmas perguntas. Ele trazia as respostas.

E todos o chamaram de Buda (O Iluminado)

Estamos frente a estranha máquina. Em sua estranha tela coloridos personagens se deslocam. O visor focaliza espaços e tempos que se foram. Falta ainda descobrir essa estranha máquina, pois não é preciso inventá-la. Há muitos séculos dorme dentro de ti à espera de ser achada. Em seu visor há longos anos um Buda partiu em busca da Verdade na profunda noite da sua mente.

E ainda não voltou.

## SOCRATES

### O Último Filósofo

- Ó Mestre, porque bebeste tão depressa a cicuta? Era preciso deixar-nos assim sem tua luz, sem teu saber?
- ‘conhece-te a ti mesmo’. Costumava dizer, há quase quarenta anos ensinando e debatendo.

O pouco que sabemos de Sócrates é o que referem os seus discípulos, principalmente Platão com seus ‘Diálogos’. ‘Fedon’, um dos diálogos, está todo dedicado pelo discípulo Platão, inteiramente à morte do seu querido antecessor e mestre.

Um dia, Platão passou a Aristóteles os seus conhecimentos. Falou-lhes vagamente de um Mestre que ensinava sob os pórticos da cidade. Aristóteles ouviu e calou.

Aristóteles foi considerado por toda a posteridade como o maior dos filósofos antigos e Sócrates o menor dos três, o iniciador do método filosófico. Seria isto a verdade? A Revolução de Sócrates, enfrentando os Sofistas, afirmando ‘Só sei que nada sei’, provando -lhes que eles nada sabiam também, teria sido continuada? A metodologia do Sereno Mestre de Atenas (Maiêutica= parturiação das idéias), tirando de dentro do aluno o conhecimento que ele procura, teria tido continuador? A busca do auto-conhecimento, o desapego aos bens materiais, como bases da perfeição, foram continuados pelos seus seguidores? A luta contra os sofistas devia terminar no gesto dramático da taça de cicuta? Se Sócrates não tinha tanto valor quanto teus sucessores, porquê o mataram? Não teria bastado bani-lo ou vendê-lo como escravo, como sucedeu com Platão? Se Aristóteles foi o seguidor desse apóstolo do conhecimento, por que foi tão facilmente preceptor de príncipe (Alexandre o Grande)? Se os ensinamentos de Sócrates sugerem, pela permissão que dá a todos e a cada um de começar a busca da Verdade desde seu ponto próprio, qualquer que ele seja, garantindo que todos chegarão ao mesmo fim Centro de tudo, sugerem, repito, um Universo esférico infinito, de verdades particulares, com a Verdade ao Centro, por que vamos considerar ainda maior Aristóteles por ter jogado fora o Demiurgo e ter-nos brindado com a afirmação de que só existe nosso mundo de aparências.

Quem é maior no mundo da sabedoria: o que vê o infinito, o que vê dois ângulos só, ou o que pega o menor dos dois ângulos e fica só com este? É claro que o julgador vai julgar pela sua medida subjectiva. Não se peça ao pardal para avaliar o voo da águia. Mil pardais são só mil pardais e seu voo conjunto, por maior que seja seu número, não se parecerá ao da águia.

Dizem que Sócrates estava debatendo com seus concidadãos um dia sob o pórtico de um templo de Atenas e um respeitoso discípulo teria perguntado o que devia fazer para alcançar o verdadeiro conhecimento. Sócrates teria apontado os

dizeres do pórtico do templo, onde estava escrito: *Conhece-te a ti mesmo*. Este lema teria sido adoptado posteriormente pelo Mestre como o lema central de seus ensinamentos. Para a maioria dos que vieram depois, isto era apenas a provocação para que se estudasse a alma humana, o início, portanto da Psicologia.

Para nós, é muito mais do que isso.

Pelo valor do seu ensinamento, pelo peso do seu exemplo, pela profundidade de seu método, Sócrates era um iluminado. Supomos que ele foi ao Oriente. Ou o Oriente veio até ele, com alguma visita à Grécia por mestre iniciado. O Caminho foi-lhe revelado. Ensinou o Caminho até à hora de morrer, com desprendimento sem temor. Ele havia alcançado a Verdade, a Chave sem retorno. A vida e a morte possuíam para ele igual valor. As riquezas, o poder, a vaidade e os mil egoísmos do nosso mundo só podiam receber dele a "ironia" feroz dos seus diálogos com os Sofistas. Seu infinito amor a todos fá-lo ensinar sem qualquer paga e seu auto-conhecimento lhe dava certeza de que todos podem chegar ao conhecimento por si mesmos.

Sua União com o Absoluto deveria realizar-se nas suas meditações. Alguns contam que Sócrates afirmava seguir uma voz interior em todos os seus actos. A Consciência? Anjos da Guarda? Espíritos? E essa voz interior silenciou com o julgamento, não pedindo clemência como aconselhavam os discípulos, certos de que a obteria, nem aceitando a fuga em que até o carcereiro colaboraria.

Assim Sócrates esperou calmamente que chegasse o barco peregrino que se achava em viagem durante a qual se não executaria ninguém. Esperou que clareasse o dia, pois não se daria a cicuta na escuridão. Esperou que seus chorosos discípulos saíssem da cela. Esperou que o carcereiro espremesse o suco do veneno e preparasse a taça. Esperou que a taça viesse a sua mão. Esperou que lhe explicassem que deveria sorver o veneno de uma só vez, depois andar bastante na cela e após isso deitar, para que a cicuta tivesse mais rápido efeito. Perguntou ainda ao carcereiro: "Como sabes disso?" Esperou que o carcereiro fosse apalpar-lhe primeiro as pernas frias e que já não sentia mais.

Esperou sua definitiva integração no Além.

E esperou finalmente que entendessem tudo. Portanto, esperou demais dos homens. O iluminado era só ele.

A noite era cada vez mais negra e escura. Assim está há mais de dois mil e trezentos anos, aquele negro despertar, com a partida de Sócrates, o Último Filósofo.

Uns pensaram que ele se suicidou.

Outros disseram que quis dar exemplo de obediência às leis de seu país.

Alguns afirmam que ele quis provocar-nos ao debate.

Muitos proclamaram que é um enigma insondável: todos os rios levam ao mar, uns por torrentes rápidas e curtas, outros por longas terras e distâncias, para chegar ao mesmo fim, pois assim é a vida.

“Sei que nada sei. Sou apenas um amigo da sabedoria. Se queres alcançar a sabedoria, primeiro conhece-te a ti mesmo. Todos vós tendes a Verdade dentro de vós. Eu só posso ajudar despertando-vos.”

A noite era cada vez mais escura. Só essa luz iluminava agora de longe. Havia partido Sócrates, o Último Filósofo. Há muito o dia se foi.

Quando voltará?

**CRISTO**  
O Filho de Deus

‘Pai nosso, que estais no céu...’ assim rezava aquele grupo de crianças. Em seus lábios as palavras eram verdadeiras. Em seus olhos cintilantes, reflectindo o céu, ainda se podiam ver fugidias lembranças de ideais muito além da imaginação. Em seus cérebros sem poluição se poderia ainda encontrar intacto o Caminho da Verdade.

Longos são os caminhos da Galileia. Como queres que procure Jesus? Não o encontrarei. Se o encontrar, não virá a pedido de uma bobinha como você. No entanto, ele apareceu sorrindo: Aqui estou!

Longos eram os caminhos da Galileia. No mar os pescadores lançavam as redes, e já desconsolados de nada encontrar, voltavam cansados à praia. Mal notaram a voz mansa de alguém que lhes dizia:

*-Pedro! Tiago! João! Lançai de novo as redes!*

E com eles entrou nos barcos e os peixes sobraram, quase pondo-os a pique.

Os discípulos predilectos o acompanharam ao Horto da Oliveiras e assistiram à Transfiguração.

Na Montanha, falava a uma multidão embevecida:

*-Eu sou o Caminho. Sou a Verdade. Sou a Vida. Dai aos pobres tudo o que tendes e acompanhai-me. Ficai vigilantes. Não vos preocupeis com o dia de amanhã. Amai-vos uns aos outros – a vós mesmos, ao vosso próximo como a vós mesmos e até aos vossos inimigos. Só alcançareis o Reino de Deus se vos tornardes igual às crianças. O Reino está dentro de vós. Vós que quereis tirar o cisco do olho do vosso irmão, retirai primeiro a trave do vosso olho. Todos somos iguais perante Deus. Quem me encontra não me perde mais: se estiver vivo, não morrerá; se estiver morto, viverá de novo. Não julgueis para não serdes julgados.*

Mas, Cristo morreu na cruz.

Isto há quase dois mil anos.

Todos sabem disso. Todos conhecem essas frases, todos conhecem Sua História, peregrinação, pregação, vida e morte. Todos conhecem? Talvez...

Será que as palavras tão simples, directas e sublimes do Sermão da Montanha, das parábolas, têm outro sentido oculto? Será que os ensinamentos do Divino Mestre precisam de interpretes que os traduzam? Ou será suficiente que nosso espírito se aquiete e olhemos para dentro, obedeçamos a seus preceitos e experimentemos por nós mesmos a Sua Paz? Será que essa idéia tão simples (sentir por si mesmos as verdades de Cristo) não ocorreu ainda aos homens? Até quando vamos ler e repetir os evangelhos sem mover uma palha para realizá-los? Até quando discutiremos o sentido das parábolas e o significado da crença? Até quando verberaremos a suposta traição de Judas(necessária trama da vida de Cristo e portanto indiscutível, não julgável : não



julgueis...) enquanto nós continuamos deixando que seus ensinamentos traídos continuem pregados na mesma cruz? E isso por dois mil anos? Não basta ainda?

Com Cristo escreveu-se Homem com ‘H’ maiúsculo pela última vez. E ele nos disse que somos todos iguais. Basta vigiar, querer, amar-se e ao próximo, deixar todos os bens e egoísmos, para encontrar a Verdade. O livro tornou-se letra morta, ‘uma verdade qualquer’; como diz Ramacheng.

Nos dias que correm, nos vem o enigmático tibetano e nos dá as chaves profundas das religiões e da Verdade. Repete tudo que Cristo nos disse! Exactamente agora em que homem só pode ser escrito com ‘h’ minúsculo! Amanhã, oh! Amanhã...esperemos que ainda se escreva ‘homem’; ainda que seja com letra torta e pequena com ‘h’; ou até sem ‘h’; mas que ainda haja esperança, que ainda haja tibetanos, hindus, yogues, ou quaisquer homens que sejam capazes de abrir as portas da Verdade e tenham a coragem de repetir:

‘a Verdade está dentro de vós. Atingi-la-eis sem esforço. Não julgueis. Vigiai, apenas. Tende a intenção de alcança-la. Libertai-vos dos véus que vos envolvem e permiti que a Verdade se liberte. Amai ao vosso próximo e até aos vossos inimigos. Deixai todos vossos desejos e ambições para que vosso ‘Eu’ se integre no Absoluto e alcance a Verdade. Mas, só vós podeis alcançar tudo isso. Ninguém o fará por vós.’

Há dois mil anos...Longos eram os caminhos da Galileia... Pai nosso...Sou o Caminho. Sou a Verdade. Ide e ensinai-a a todos os povos.

Longos ainda são os caminhos da nossa mente.

‘Espero que vós que procurais e me encontrastes, saibais seguir o Caminho, guardando o Segredo da melhor forma que pode ser guardado, ou seja, dando-o a conhecer ao maior número possível de pessoas’.

Longos são os caminhos e longos continuarão sendo.

Até quando? Até quando continueis pregando Cristo na cruz, sem sentir que pregais a vós mesmos e que tendes que tirá-lo de lá?

Por isto, longos serão os Caminhos

### **Nós Somos o Nosso Mestre**

Arquimedes tinha já setenta anos. Siracusa, sua pátria, havia dado ajuda a Aníbal, fornecendo a Cartago trigo siliciano. Roma não podia perdoar essa traição. Por isso os romanos cercaram-na e a assediaram por dez aos, até tomá-la. Arquimedes foi convocado e fez armas para a defesa. Os soldados romanos preferiram ver o diabo em pessoa: um dia atacavam e as catapultas de Siracusa atiravam sobre eles bolas de fogo e líquidos que desfaziam até o metal das espadas e dos escudos! Atacavam pelo mar e as velas dos navios pegavam fogo com o jogo de espelhos e lentes que Arquimedes colocou sobre os muros! Os anos se passavam! Siracusa resistia! Ou melhor: Arquimedes ainda vivia! Quando os muros caíram, uma ordem era dada: apanhem Arquimedes vivo! Queremos esse sábio conosco! Porém, o destino tinha indizíveis mãos a trabalhar outros planos e um soldado romano trespassou o velhote mal vestido que desenhava nas areias da praia problemas de geometria, sem dar atenção às tropas, e mandando o soldado sair de cima dos rabiscos.

Esse homem havia criado ao redor de si a maior fama de sábio da antiguidade. Seu segredo: havia aprendido tudo de si mesmo. Ele havia sido seu próprio mestre.

Embora o livro de Ramacheng trate da primeira à última página só de chaves das doutrinas secretas, embora fale somente dos segredos e temas ocultos, embora não argumente, debata ou cite autoridades, temos a ousadia de afirmar que o carácter didáctico, sintético e sistemático que o caracterizam, tornam-no um estudo científico-filosófico das místicas: Buda, Sócrates, e Cristo são superpostos e analisados com clareza meridiana, como só um espírito que teve acesso às mesmas fontes da Luz e da Verdade o poderia fazer.

O trabalho que comentamos é ao mesmo tempo coerente, simples e lógico. Cada frase e cada palavra foram colocadas pelo autor para dizer alguma coisa. Já vimos em diversos pontos que é tão importante o que está expresso quanto aquilo que está nas entrelinhas. O nome Sócrates, por exemplo, bem como os de Krishna e Cristo, não são citados uma só vez, e não nos é dado esquecê-los em momento algum da leitura de Ramacheng. Se por um lado temos referências claras a ditadores, falsos profetas, chefes religiosos, em certos pontos parecemos arranhar profundas explicações para temas aparentemente já esgotados: Judas? Hitler? Kennedy? Gandhi? Luther King? Galileu? Arquimedes? Quantos deles foram analisados nas Sete chaves e quantos leitores o perceberam?

À primeira leitura pareceu-me um livro de repetições dos temas yogas. Depois pareceu-me de facto um estudo da mística. Voltei a ler e compreendi alguma coisa no sentido profundo que ali está contido. Ele nos lembra que cada chave tem sete interpretações. Sete é o número infinito para a mística. Ramacheng nos desafia à busca do Infinito? Não! Ele alcançou a Sexta Chave! Ele atingiu a Integração ou Amor Universal e nos deu o Caminho sem querer saber se vamos segui-lo ou não! Para que não tivéssemos dúvidas, falou muitas vezes que só nós podemos abrir nossas Sete Chaves.

‘Na verdade eu vos dei as mais profundas chaves de qualquer mística ou fraternidade e reconheço que isso não significa que vós, que as lestes, estejais de posse das mesmas. Saber que existem e quais são, é fácil de alcançar, Realizá-las, não.’

Qual é a dificuldade?

Lendo e relendo chegamos a um só ponto: é preciso experimentarmos por nós mesmos. Esta a grande problemática de todo nosso tempo. Nosso ‘EU’, endeusado e recoberto de doirados mantos, conduz-nos à desesperada luta de satisfazer nossos egoísmos sem fim. Qualquer argumento serve para ficarmos convencidos de que isto é o que importa: satisfazer o nosso ‘eu’. a filosofia desse estado de coisas é o ‘cada um por si e que o diabo leve o resto.’

Se o livro de Ramacheng não nos ensina a ganhar dinheiro, a pisar os outros, a aplicar golpes de defesa pessoal, a evitar que nossa consciência fique perturbada com os nossos erros, se não é um livro que nos faça ter sucesso pessoal e imediato, positivamente não vamos querer experimentar!

Salvar o mundo do caos? Eu não tenho nada com isso! Não fiz o mundo! Não dei início aos conflitos! Não criei as confusões. Quando cheguei, já estava tudo assim como é! Além disso, são três bilhões de pessoas, com centenas de governos. Os outros que tratem disso!

Eis como o nosso ‘eu’ envolvido pelos condicionamentos, pre conceitos, hábitos, véus, enfim.

Bem que o tibetano informa: o egoísmo é o último véu a cair. Como custa! Como luta! Como sabe convencer nossa mente com todos os argumentos!

Mas, que considerações são estas?

Já é a vigilância! E se a intenção funcionar, estaremos a um passo do ‘auto-conhecimento’.

Penso que o maior atractivo do trabalho de Ramacheng é revelar-nos o que seja o conhecimento directo das coisas e como chegar até ele. Penso mesmo que vale a pena penetrar no nosso mundo interior, libertar nosso ‘Eu’ para chegar à Intuição. Acredito que os mais corajosos estudantes destas chaves ficarão por aí. Ele pensa que ficaremos detidos na Sexta Chave, pois pensa nas finalidades Yogas de alcançar o Samadhi. Quanto a mim, não tenho dúvidas de que a Quinta terá muito mais atractivos para os leitores. Qual será o estudante que não ficará tentado pelos poderes do conhecimento directo?

Arquimedes era o sábio de Siracusa. Hierão, o rei, encarregou-o de descobrir, sem derreter os metais, qual a parte de ouro e a parte de prata que seu ourives havia usado para a coroa encomendada. Depois de todos os seus cálculos falharem, estava ele no banho, quando lhe ocorreu a solução. Estão aí todos os elementos da intuição, segundo Ramacheng, incluindo seu inabalável elemento – ‘Sem Esforço’.

Se o processo de libertação ensinado por Ramacheng nos leva até aí, vamos experimentá-lo.

Não vou afirmar que já cheguei até esse ponto. O que posso dizer é que foi bem fácil alcançar a vigilância, a auto-análise sem crítica e que alguns fenômenos intuitivos já presenciei comigo mesmo. Posso assim confirmar que não há charlatanismo em Ramacheng. Seu processo funciona.

A dificuldade toda dessa experimentação reside em que temos que ser nosso próprio mestre e nosso único aprendiz. Aprendiz de feiticeiro? Quase isso. Porém, melhor, muito melhor do que tudo que já encontramos sobre o mesmo assunto.

Eia, portanto, vamos reler todas as chaves e começar desde a primeira, experimentando? Nós e só nós podemos usá-la. Ninguém vai fazê-lo por nós.

## **Falando Com O Leitor.**

Era o dia 3.7.1973, quando Ramacheng nos apareceu pela primeira vez. Entregou-nos o original dactilografado deste livro-resumo e nos disse:

- Entrego-lhe a mensagem milenar do Tibete. Nestas poucas folhas você e muita gente vão encontrar o que estão procurando.

Setenta e três dias depois disso voltou e autorizou que publicássemos a sua mensagem, da forma que bem entendêssemos. E não voltou mais.

Nessa época achávamos qualquer mensagem esotérica uma tolice e portanto não queríamos fazer uma edição deste livro.

O tempo passou e atravessamos a maior crise de nossa vida. Praticamente renascemos após essa crise.

Hoje, com uma dúzia de leituras e análises, com três grupos de estudo debatendo o seu texto, não podemos fugir à edição que todos pedem.

Através de estudos, práticas e debates, nós mesmos fomos encontrando algumas maravilhosas coincidências e resultados já expostos nas reuniões e palestras. Algumas vão nas páginas atrás. Outras continuam surgindo:

O Quinto Evangelho, Segundo Tomé, em linguagem semelhante, externa os mesmos princípios; a Bhagavad Gita contém os mesmos Sete degraus; o Tao Te King contém os mesmos elementos na explicação de Lao Tse e....As Sete Mensagens às Sete Igrejas, no Apocalipse de João, chegam a coincidir, até na ordem de posição, efeitos anunciados e terminologia esotérica, com os sete degraus Ramacheng!

A Mensagem é pois, Uma só, indestrutível e Eterna!

### *UMA SÓ VERDADE , EXPRESSA DE FORMAS VARIADAS*

Vai para cerca de 10 anos que a Fundação Alvorada do Brasil nos enviou a ‘MENSAGEM ETERNA DOS MESTRES’ de H’Sui Ramacheng.

Aconteceu-nos precisamente a nós o que aconteceu a Mário Sanchez. Ficamos a princípio, com a impressão de ser mais um método de desenvolvimento espiritual, mas que não tinha nada a ver conosco, uma vez sabida a Mensagem de Jesus Cristo, tudo o mais vem por acréscimo.

Neste ano de 1988, voltamos de novo a ler a Mensagem Tibetana, talvez por intuição.

É para nós surpreendente a certeza com que o autor nos fala, dando-nos até uma orientação precisa para a nossa ‘REVOLUÇÃO INTERIOR’.

Hoje todos os místicos nos dizem que a VERDADE há-de ser descoberta por nós e pela intensificação da nossa consciência, numa busca constante de oscultação interior, isto é, ao nosso Cristo Interno, à nossa Alma, pois a Fonte Única se revela a cada um individualmente conquanto que cada um esteja receptivo para recebê-la.

Indo nós também nesta mesma direcção jamais nos desorientaremos com as traiçoeiras solicitações deste mundo, pois já não acreditamos porque outros nos digam, mas sim pela nossa própria experiência, porque: “Quando o discípulo está pronto, o MESTRE APARECE”.

O Grupo Cosmos-Servir- Fundação para o Desenvolvimento do Homem-Integral,

Apartado nº 7 – Caneças – 2675 Odivelas